

# BEBETECA: ESPAÇO E AÇÕES PARA FORMAR O LEITOR

*Baby library: space and actions to build a reader*

Renata Junqueira de Souza (1) e Juliane Francischeti Martins Motoyama (2)

(1) UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, recellij@gmail.com.

(2) julianefmotoyama@gmail.com.

## Resumo

Este texto versa sobre o desenvolvimento da infância e a importância da oferta da literatura desde os primeiros anos de vida dos indivíduos. Desde o surgimento da biblioteca, essa instituição social foi se estabelecendo gradativamente de modo cada vez mais democrático chegando às escolas de ensino fundamental, médio e ensino superior. No entanto, pouco se discutiu até os tempos atuais sobre a oferta de um espaço de formação do leitor nas creches e escolas de educação infantil, ou seja, existem poucas reflexões e ações que direcionam para as bebetecas. O objetivo deste estudo é apresentar a importância desses espaços, bibliotecas para bebês, e mostrar algumas ações que podem desenvolver a criança como leitora. Além de propiciar a apresentação do texto literário, as bebetecas também são espaços que formam comportamentos sociais nos pequenos e que podem influenciar positivamente em seu desenvolvimento cognitivo e no caminho para formação do leitor.

**Palavras-Chave:** Educação; Biblioteca; Infância; Bebeteca; Literatura.

## 1 Introdução

Se pararmos para pensar no espaço social da biblioteca veremos que, ao longo da história da humanidade, ele foi se reconfigurando e se readequando aos diferentes tipos de sociedade, crenças e necessidades. Desde a biblioteca medieval, canônica e elitizada, até a biblioteca do século XXI, um protótipo de espaço democrático, percorreu-se um longo percurso cheio de alterações, e os livros, que a priori eram vistos como objetos sagrados, no século XX passaram a ser observados como meio de acesso ao conhecimento e à formação dos seres humanos desde a primeira infância.

No decorrer dessas alterações na história, podemos observar que quanto mais democrática a biblioteca, maior sua consolidação como parceira da escola. E neste mesmo viés, os livros também foram ficando mais acessíveis e convidativos para os leitores. Todas essas alterações se deram por uma razão: a escola descobriu que necessita do objeto cultural livro para desenvolver a formação social dos homens; e os gestores educacionais observaram a necessidade da escola em formar sujeitos letrados, usufruindo desse espaço de maneira democrática.

## Abstract:

This text discusses about the development of childhood and the importance of literature offered since the first years of life. Since the emerging of library, this social institution has been established gradually and in a more democratic way, reaching the elementary schools, high schools and universities. However, little has been discussed until the present time about the offer of a space to build a reader in kindergarten and preschools, meaning there are few thoughts and actions that toward baby library. The objective of this article is to present the importance of these spaces, libraries for babies, and to show some actions that can develop a child as a reader. Besides performing the presentation of the literary text, baby libraries are also spaces that form social behavior in very small children and can influence positively on their cognitive development and on their trail to be a reader.

**Keywords:** Education; Library; Childhood; Baby library; Literature.

Pombo (1997) observa como as relações entre escola e biblioteca pós século XX se reconfiguraram completamente e traça um panorama de como a humanidade necessita desta parceria para a transmissão e reconstrução dos conhecimentos elaborados ao longo dos anos. Sob esta perspectiva, muito além da necessidade de formação de leitores, as novas bibliotecas também formam sujeitos capazes de transformar a sociedade a partir dos saberes que já foram produzidos (científicos, humanos, dentre outros).

[...] como não reconhecer que no século XX, mais do que nunca a escola está na dependência da biblioteca, horizonte unificador da multiplicidade dos saberes virtuais para que apontam - *abrem* - os conteúdos cognitivos nela ministrados? E referimo-nos quer à modesta biblioteca escolar, quer de novo à Internet, biblioteca tendencialmente universal que se perfila como limite da totalidade dos saberes transmitidos pela escola (Pombo, 1997, p.6).

Ciente da importância e singularidade da parceria entre biblioteca e escola, este texto busca entender como, nos últimos anos, a biblioteca expandiu seu espaço para atender não apenas adultos letrados ou crianças em fase de alfabetização, mas também bebês com poucos meses de vidas em uma nova configuração: a Bebeteca. Para uma melhor compreensão do espaço das bibliotecas

para os bebês, tecemos considerações sobre o uso desses locais.

Quando se fala em bebeteca o leitor pode sentir certo estranhamento, pois trata-se de um espaço criado recentemente na história das bibliotecas. Desde o século XX todos estão habituados a observarem bibliotecas nas escolas de ensino fundamental. No entanto, oferecer livros aos bebês, em local organizado para isso, é algo novo, e junto com essa novidade, vem a reconfiguração e reconstrução não só do espaço, mas também dos materiais oferecidos às crianças na primeiríssima infância, com livros diversos e de diferentes materialidades.

Para entendermos um pouco melhor essa dinâmica, basta observar que já no final do século XIX, quando se percebeu o potencial dos livros para a formação das crianças, as escolas e liceus começaram a receber bibliotecas em suas dependências e novas reflexões sobre este espaço começaram a ser construídas. Essa organização de bibliotecas em espaços escolares provou ser muito importante para a configuração do leitor que estava sendo formado. Por esta razão, Souza e Motoyama (2014, p. 156) afirmam que:

[...] o espaço da biblioteca não pode ser passivo. É preciso que se pense em uma organização dinâmica capaz de mediar o contato dos sujeitos com o material de leitura. Contações de histórias, organização do mobiliário para favorecer a acessibilidade dos visitantes são apenas algumas das ações que podem ser realizadas para tornar a biblioteca um local agradável e convidativo à leitura.

Todavia, os anos provaram não haver um completo sincronismo entre o ideal e o real ou entre a teoria e a prática. Mesmo diante desses saberes que os pesquisadores do século XX começaram a construir sobre a biblioteca, esses espaços ainda não se organizaram na escola de modo adequado e a democratização que vislumbramos nos parágrafos anteriores, tem sido uma utopia. Para ser democrática, não basta a biblioteca ter um espaço que abriga livros e que está aberto para que todos façam retiradas dos materiais. É preciso ir além e criar ambientes agradáveis e convidativos para que as crianças possam usufruir do livro e de atividades para formação do gosto pela leitura.

Uma biblioteca escolar bem organizada, além de oferecer elementos para a reflexão da realidade em que os estudantes vivem e atuam, tais como textos literários, materiais de pesquisa sobre o conhecimento historicamente construído e fontes sobre dados da atualidade, democratiza as relações da escola à medida que retira o foco do saber do professor e suas práticas e transforma-se em fonte de pesquisa dos estudantes, mediando as atividades de estudo dos sujeitos.

Quando pensamos nessas afirmações aplicadas às bibliotecas do ensino fundamental, tudo parece simples de ser alcançado. Mas como seria esse espaço na formação de um bebê que não consegue decodificar o

código escrito? Como criar um espaço democrático onde ele possa refletir sobre seu universo? Justamente pela ausência da decodificação sistemática, os educadores de primeiríssima infância têm que investir em outros códigos que os sujeitos da primeira infância sejam capazes de decifrar e construir novos conhecimentos.

Neste sentido, o espaço da bebeteca é mais dinâmico e vivo que o da biblioteca tradicional e os livros são lúdicos e interativos, diferente dos livros utilizados pelos adultos ou pré-adolescentes. Para entender um pouco melhor essa configuração de uma biblioteca para bebês, é preciso observar o desenvolvimento humano e pensar o que seria adequado para a formação leitora dos bebês.

## 2 Bebeteca e o desenvolvimento infantil

O objetivo deste tópico é apresentar a concepção de desenvolvimento humano. Nesta trajetória, buscaremos destacar o papel da bebeteca na formação do leitor desde a educação infantil.

De acordo com Mukhina (1995), no primeiro ano, as crianças dependem totalmente do adulto para o deslocamento, alimentação, cuidados de higiene, dentre outras coisas. A autora menciona que existe uma influência da presença do adulto no ânimo da criança que eleva seu humor. Além disso, esse adulto tem a função de apresentar o mundo material aos pequenos que ainda não o conhecem. Essa ação é chamada por Mukhina (1995) de “atividade conjunta”. Deste modo, podemos afirmar que o humano recém-nascido é totalmente dependente da interação estabelecida entre ele e aquele que o cuida.

Essa interação entre o adulto e a criança é muito importante, pois ao estabelecer relações com o adulto, através da observação, do toque, do olhar, a criança conseguirá, dialeticamente, desenvolver cada vez mais sua humanidade para além daquela biologicamente conquistada. Ao final do primeiro ano, segundo Mukhina (1995) a criança se torna uma grande imitadora dos movimentos dos adultos e os executa sempre que tem a possibilidade.

A relação de dependência da criança com o adulto, no entanto, não é considerada negativa, pois é uma primeira forma de humanização dos sujeitos, ou seja, humaniza-se com o outro. Facci (2004, p.65) defende que:

O traço fundamental do psiquismo humano é que este se desenvolve por meio da atividade social, a qual, por sua vez, tem como traço principal a mediação por meio de instrumentos que se interpõem entre o sujeito e o objeto de sua atividade. As funções psicológicas superiores (tipicamente humanas, tais como a atenção voluntária, memória, abstração, comportamento intencional, etc.) são produtos da atividade cerebral, têm como base biológica, mas, fundamentalmente são resultados da interação do indivíduo com o mundo, interação mediada pelos objetos construídos pelos seres humanos.

Assim, seria impossível para uma criança se desenvolver sem a intervenção de outros sujeitos, no interesse deste texto - os adultos, que são mais experientes e podem servir de mediadores para aqueles que estão iniciando a vida nos conhecimentos históricos e culturais construídos pela humanidade. Leontiev (1978) afirma que, se as crianças forem criadas fora da sociedade, elas não passarão do nível de desenvolvimento dos animais.

Para Leontiev (1978) os sujeitos aprendem a serem homens, no sentido de humanização, a partir do conhecimento do que foi sendo construído pela sociedade ao longo da história. Segundo o autor, o homem morre e é sempre sucedido, mas a sua criação fica para as gerações seguintes que as aprimoram e continuam a transmiti-la para os próximos de sua linhagem. Assim, a evolução humana está sempre em movimento e, por isso, os sujeitos que estão fora desta sociedade não são capazes de avançar no desenvolvimento cognitivo sem o contato com o conhecimento já construído ao longo dos anos por outros humanos.

Está fora de questão que a experiência individual de um homem, por mais rica que seja, baste para produzir a formação de um pensamento lógico ou matemático abstrato e sistemas conceituais correspondentes. Seria preciso não uma vida, mas mil. De fato, o mesmo pensamento e o saber de uma geração formam-se a partir da apropriação dos resultados da atividade cognitiva das gerações precedentes. (Leontiev, 1978, p. 266).

A própria aquisição da linguagem só se dá porque a criança sente a necessidade de se comunicar com o adulto que está mediando suas relações sociais. Através da observação da fala do outro, a criança começa a imitar os fonemas e aos poucos vai sistematizando os sons para conseguir se comunicar com o outro. Leontiev (1978) defende que, se a criança não viver em sociedade, com outros mais experientes que ensinem a cultura, nunca será capaz de pensar ou falar como humano, pois o mediador é a base do desenvolvimento do pensamento e da linguagem.

De acordo com o autor (1978), o que a natureza fornece para os sujeitos não é o suficiente para este se tornar homem, é preciso ir mais além e estabelecer relações com o que foi construído ao longo da história da sociedade. Assim, a partir dessas atividades, os sujeitos vão se formando para a vida, aprendendo com o outro a lidar com situações adversas, criar objetos para satisfazer suas necessidades, utilizar a natureza em seu benefício, etc. Nesta dinâmica, o ser humano, pode até morrer, mas sua cultura é transmitida de geração a geração o que possibilita que a espécie continue se desenvolvendo.

Considerando as possibilidades de desenvolvimento infantil de cada momento da vida e a construção cultural da humanidade, é possível formar um sujeito inte-

gral de forma que ele se aproprie do conhecimento historicamente construído e seja capaz de transformar sua realidade. Nesta complexidade, queremos destacar que a escola de educação infantil deve desempenhar papel fundamental para as aquisições humanas desde os primeiros momentos de vida.

Facci (2004) afirma que, para Leontiev, para cada etapa do desenvolvimento humano, existe uma atividade principal que irá direcionar a relação da criança com a realidade. Essa atividade principal seria aquela “[...] cujo desenvolvimento governa as mudanças mais importantes nos processos psíquicos e nos traços psicológicos da personalidade da criança, em um certo estágio de seu desenvolvimento” (Leontiev 1978 *apud*, Silva, 2012, P.64).

Esse comportamento do primeiro ano de vida dos sujeitos se dá a partir das condições sociais e as principais influências educativas que essas crianças tiverem. Nesse momento, segundo o autor, a criança começa a reestruturar sua conduta e o meio social interfere neste processo. Assim, existem dois determinantes muito específicos das relações sociais estabelecidas no primeiro ano de vida, sendo eles: a incapacidade biológica do bebê e a situação social de desenvolvimento do primeiro ano de vida da criança.

No que diz respeito à condição biológica dos bebês, Facci (2004) menciona que eles são seres incapazes de satisfazer as necessidades que possuem, portanto, toda e qualquer atividade que seja desenvolvida pelos sujeitos nesta idade se dá por intermédio de um adulto, sendo esta a primeira atividade principal denominada “comunicação com adulto”. Portanto, o contato das crianças com o meio social nesta fase da vida se dá por intermédio do adulto. O segundo determinante é a situação social dos bebês que embora não possuam ainda a linguagem, necessitam se comunicar com esses adultos que medeiam seu contato com o mundo. Por esta razão, desenvolvem mecanismos de comunicação para terem suas necessidades atendidas. Portanto, mesmo sem dominar a fala, a comunicação do bebê com o mundo é imprescindível, por isso “(...) o desenvolvimento do bebê no primeiro ano baseia-se na contradição entre a máxima sociabilidade (em razão da situação em que se encontra) e suas mínimas possibilidades de comunicação” (Vygotski, 1996, *apud* Facci, 2004, p.68).

Nesta perspectiva, Mukhina (1995, p.88) menciona que uma das formas de desenvolvimento da criança é o “sensório-motor e na manipulação mais simples dos objetos”, que está relacionada ao desenvolvimento corporal do bebê desde o seu nascimento. Já no primeiro ano de vida, se estimulada e ensinada por um adulto, a criança consegue pegar e manipular pequenos objetos, sustentar a própria cabeça, começa a conquistar a autonomia engatinhando, movendo objetos ao seu redor, etc.

Esses comportamentos desenvolvidos durante este período são pequenos degraus que os sujeitos avançam rumo a humanização, ou seja, é a aprendizagem para tornar-se homem. No entanto, para que estas formas sensório-motoras se desenvolvam com êxito e no tempo adequado, a criança necessita de um acompanhamento do adulto, pois esse irá mediar o comportamento infantil de forma que a psique da criança amadureça a ponto de desenvolver as atividades.

Considerando todas as variáveis apresentadas até o momento, podemos afirmar que ao adentrar a educação infantil logo nos primeiros meses de vida, o bebê pode ser inserido em um espaço de leitura intencionalmente organizado pelo professor responsável. Este, por sua vez, precisa reconhecer e desempenhar seu papel humanizador que, de acordo com autores aqui trabalhados, se dá, pela via da relação estabelecida entre eles.

[...] A intenção de fazer com que as crianças, desde cedo, apreciem o momento de sentar para ouvir histórias exige que o professor, como leitor, preocupe-se em lê-la com interesse, criando um ambiente agradável e convidativo à escuta atenta, mobilizando a expectativa das crianças, permitindo que elas olhem o texto e as ilustrações enquanto a história é lida. (Brasil, 1998, p. 143)

Assim, desde o primeiro ano de vida dos sujeitos, quando a linguagem ainda é simples e rudimentar, a criança pode ser apresentada ao mundo da literatura, dos livros infantis, seja a partir da audição de histórias ou do manusear livros. Considerando que as relações entre o ambiente e os objetos estão humanizando esses indivíduos, oferecer um espaço projetado para abrigar os livros e proporcionar práticas de leitura é fundamental para a formação do leitor desde o início. É na bebeteca que os bebês aprenderão a lidar com os objetos históricos e culturais da humanidade como por exemplo, o livro.

Mukhina (2005) descreve atividades como a apresentação da bebeteca e do livro como objeto-instrumental, ou seja, nesse momento as crianças se apropriam de diversos procedimentos elaborados socialmente a partir do uso de objetos como os espaços da bebeteca e os livros ali dispostos. No entanto, para que assimile as formas de ação sobre esses objetos, é necessário que um sujeito mais experiente mostre à criança como ela deve fazer. Segundo a autora, as relações emocionais entre o adulto e a criança também mudam nesse momento, pois deixa de ser comunicação emocional para se tornar colaboração prática.

Estudando a evolução motora dos sujeitos na primeira infância, Mukhina (1995, p. 89) afirma que “(...) é de particular importância o deslocamento espacial ativo (primeiro de quatro, depois de pé) quando a criança apanha e mais tarde manipula os objetos”. A partir desta afirmação, a autora explica todo o desenvolvimento da locomoção dos sujeitos. A primeira forma de desen-

volvimento autônomo dos sujeitos é o arrastar-se pelo chão, geralmente, essa conquista se dá entre o primeiro semestre de vida ou no máximo no início do segundo. A criança começa experimentando o movimento de arrastar-se colocando as mãos no chão e alternando-as e gradativamente. Esse movimento vai sendo internalizado e vai evoluindo até o caminhar ereto.

No mesmo momento em que a criança aprimora sua locomoção, ela começa a desenvolver sua orientação espacial, percebendo as diferentes propriedades dos objetos que as cercam. Os movimentos e ações da criança possibilitam que ela veja e compreenda, através da ação, o mundo que a rodeia sendo que no segundo semestre de vida as ações orientadoras melhoram essa possibilidade de ação sobre o mundo. (Mukhina, 1995)

No entanto, esse desenvolvimento não é isolado. À medida que se desenvolvem o aparelho auditivo, a visão e a coordenação motora, a criança começa a ter necessidades para agir sobre o mundo. O olhar é direcionado a coisas que lhe chamem a atenção como brilho, e isso impulsiona a criança a chegar até o objeto se arrastando para pegá-lo, para mais tarde conseguir manuseá-lo de acordo com suas finalidades sociais.

A partir desta concepção de desenvolvimento humano assumida pelos teóricos aqui citados, concordamos com Silva (2012, p. 57) quando este diz que:

[...] as instituições de Educação Infantil como um todo, possuem um relevante papel formador do ser humano e, essencialmente, as instituições destinadas às crianças ocupam um patamar privilegiado para o desenvolvimento infantil.

Considerando a importância da escola na formação do leitor, a construção de bebetecas nas escolas de educação infantil configura-se como a possibilidade de uso de um ambiente exploratório, no qual os bebês podem tocar e morder os livros. Mas além dessa exploração superficial desse objeto cultural, configura-se também como uma experiência rica na qual os bebês descobrem que o material a ser folheado contém a narrativa, que os relatos e vivências das personagens podem também aculturar os pequenos leitores. Portanto, no ambiente da bebeteca, desde o primeiro movimento de locomoção dos pequenos há a oportunidade para que as crianças apreciem esteticamente as práticas literárias, possibilitando a expansão de qualidades humanas como aquelas relacionadas ao ato de ler.

Considerando as singularidades dos primeiros anos do desenvolvimento infantil, o adulto mediador em sua prática no espaço da bebeteca apresentará gradativamente autor, obra e diferentes livros e modos de ler para os bebês conforme eles vão crescendo. Com a possibilidade de lidar com diferentes objetos, as crianças terão sua curiosidade aguçada e compreenderão como, por exemplo, virar as páginas, observar diferen-

tes ilustrações (planas ou tridimensionais) e entender os diferentes sons presentes nas histórias.

Diante do exposto, podemos afirmar que a bebeteca é um espaço a ser explorado para enriquecer o desenvolvimento das crianças desde seus primeiros dias de vida, perpassando pelos mais diversos estímulos sensoriais (cores, sonoridade, materialidade, etc.) até a apreensão de práticas sociais como o uso do espaço da bebeteca/biblioteca e do objeto cultural livro.

### 3 Bebeteca: espaço formador e mediador

A construção de uma bebeteca nas instituições de educação infantil não é algo idealizado ou difícil de ser concretizado. Basta disposição dos gestores e do corpo docente para que essa ação possa ser desenvolvida. Todavia, como em todo projeto educacional, é preciso que os interessados estejam atentos a alguns detalhes bastante importantes para que o espaço de fato cumpra sua função.

Inicialmente, a escola precisa compreender que a bebeteca é um local de desenvolvimento infantil, portanto, ela não pode ser algo volátil ou sem um espaço físico adequado para o seu funcionamento. É preciso uma sala específica para que se construa uma bebeteca. Este local deve ser arejado e bem receptivo, pois “uma biblioteca bem organizada, especialmente construída ou reformada para acolher livros e seus leitores é, com certeza, o primeiro estímulo para a leitura” (Pereira, 2006, p.09).

Neste sentido, uma bebeteca deve ser um local acolhedor para os pequenos, e considerando as singularidades do desenvolvimento infantil já mencionadas, o lúdico é parte fundamental desse processo. Souza e Bortolanza (2012) defendem uma organização física aconchegante que possibilite que os pequenos tenham acesso aos materiais e conforto para manuseá-los. Considerando o primeiro semestre de vida dos bebês, esse espaço deve ser propício para que as crianças que ainda engatinham consigam acessar os livros em cestos ou estantes baixas. Além disso, para aqueles que já conseguem se levantar com apoio, as estantes devem ser bem fixadas para que não ocorram acidentes.

Estantes adequadas e ambientes preparados para receber os leitores é primordial, pois é a partir deles que a bebeteca se tornará mediadora na formação do leitor. Quando a criança tem acesso ao material, o professor apenas observa sua movimentação e garante sua segurança, mas são as estantes e os outros objetos lúdicos presentes na bebeteca que irão chamar a atenção do leitor e aproximá-lo das práticas de leitura.

Figura 1: Espaço de leitura



Ainda sobre o espaço físico, Silva (2009) descreve que a organização adequada é aquela em que a criança fique confortável, portanto, o local necessita de ventilação e iluminação adequadas, um espaço mínimo de 1,2 m<sup>2</sup> para cada usuário, além de possuir diversos elementos que possibilitem a acessibilidade como estantes de diferentes tamanhos, cestos com livros para que os menores consigam pegar os materiais, e outros meios lúdicos de oferta como livros pendurados em móveis acessíveis, baús, cantos decorados, etc.

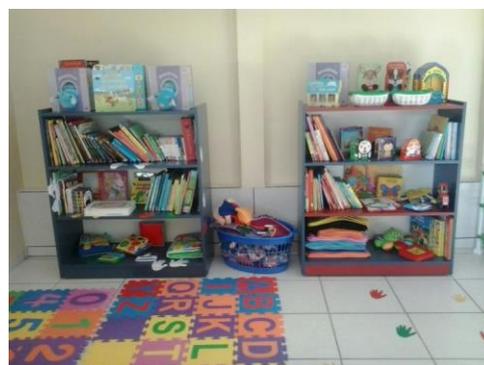


Figura 2: Estantes de livros

O ambiente deve ser confortável com tatames emborrachados para que os bebês possam engatinhar com segurança, mesinhas para os maiores realizarem suas leituras, almofadas e/ou puffs para que as crianças possam se sentar confortavelmente enquanto exploram os livros ou ouvem as histórias.

Considerando que os bebês ainda não completaram seu processo de aquisição da linguagem e que não decodificam o código escrito, a bebeteca deve ser multifuncional e, além de oferecer os mais variados tipos de livros, ter espaços para outras atividades nas quais os pequenos entrem em contato com a literatura com diferentes estímulos sensoriais como a contação de histórias, o manuseio de fantoches, tapeçarias que narram histórias, leitura em voz alta, dentre outras práticas.

É preciso ainda observar questões do espaço como humidade, para evitar a deterioração dos livros e não causar alergias nas crianças, ventilação adequada para que os alunos não fiquem desconfortáveis enquanto leem (o momento de atenção de uma criança é curto e se ela estiver com calor ou desconfortável, será ainda menor), limpeza, que deve ser periódica para que os livros não

sejam danificados por traças ou outros roedores. Quanto a danos causados pelo manuseio, a escola deve estar preparada para esse tipo de eventualidade, pois os livros serão mordidos e rasgados, neste sentido os educadores devem estar conscientes de que essas ações fazem parte do processo de exploração e aprendizagem dos pequenos.

No que tange a organização do ambiente, Silva (2009) orienta que as tonalidades que irão compor o espaço também devem ser escolhidas para dar continuidade a tendência de acolher os visitantes e convidá-los a apreciação das obras, portanto, as paredes da parte interna devem ser pintadas de cores diferentes das que compõem as salas de aula com matizes claros e alegres, mas sem poluição visual, pois os livros são “as estrelas” da biblioteca. No caso de decorações ou murais, é importante que sejam sempre construídos com o auxílio das crianças para que aquilo tenha significado para elas.

O acervo que irá compor a bebeteca deve ser diverso e ser sempre repostado, pois com o manuseio constante as obras poderão ser danificadas. Neste sentido, a gestão pode estabelecer parcerias com algumas instituições e separar parte da verba da escola para a reposição dos materiais e manutenção do espaço.

#### **4 Bebeteca e práticas leitoras**

Com um local bem estruturado para receber as crianças desde os primeiros meses de vida, cabe ao professor o planejamento de atividades que serão desenvolvidas no espaço da bebeteca, pois não basta levar as crianças e deixá-las livres para escolher livros, é preciso fomentar essa escolha e as ações de leitura. Como apresenta Leontiev (1978), se os pequenos forem deixados sozinhos com os objetos, seu nível de desenvolvimento não evoluirá.

Para as atividades desenvolvidas na bebeteca, o educador pode fazer uso de estratégias de leitura com atividades que trabalhem com as crianças o antes, durante e depois da leitura/audição dos textos (SOLÉ, 1998). Para a organização dessas ações, o docente pode misturar crianças de diferentes idades ou apenas sua turma, dependendo do objetivo da ação, além de utilizar objetos como livros, adereços para contar histórias, músicas ou outros recursos que aproximem a criança do texto.

No decorrer das leituras ou contações de histórias, é importante que o mediador busque esclarecer, juntamente com as crianças, as diferentes relações que a história pode ter com o cotidiano, os mais variados conhecimentos prévios que os pequenos já possuem acerca da temática trabalhada, a criação de expectativas e hipóteses, auxílio às crianças para que observem os paratextos do livro, construção do sentido global do lido, utilização de diversas formas de registro, etc.

No espaço da bebeteca, todas as ações de leitura e contação de histórias devem ser planejadas. Não se trata de priorizar uma em detrimento de outra, mas sim observar quais são os objetivos que o professor possui com sua prática. Por exemplo, é possível contar uma história a partir das imagens de um livro, pois Bajard (2014) esclarece que “a escuta do texto não exclui o acesso visual” (p. 50). Neste sentido, é a habilidade e o preparo do docente que irá permitir que, a partir de uma contação com o auxílio do livro os pequenos possam “visualizar o livro aberto durante a escuta do texto” (idem, p. 50).

Cabe ao educador definir quais são seus objetivos e quais habilidades e competências ele pretende desenvolver nos alunos para que se determine a ação na bebeteca. Contações de histórias trabalham com o auditivo e com a atenção dos bebês – desde que não sejam muito longas – e os auxiliam na habilidade de construção de imagens mentais. Contações com adereços e objetos desenvolvem o simbolismo dos pequenos, pois o objeto usado para contar a história, pode trazer a eles outros significados. Contações com ilustrações trabalham com a visão dos pequenos, e o manuseio de livros auxilia no desenvolvimento do tato. Assim, de acordo com o objetivo da aula, o docente deve escolher uma nova forma para seduzir as crianças e iniciá-las no ato da leitura.

Outra questão deve ser levada em conta no uso da bebeteca: os modos de acesso ao texto para crianças em idades diferentes. Neste sentido, estudiosos como Bajard (2014) indicam três opções: a criança no colo, a criança ao lado e face a face.

Na primeira posição, com a criança no colo, ela e o mediador possuem o mesmo ponto de vista sobre a página do livro. Por ela, estão abertos os acessos ao texto pela escuta e pela visão; podemos empregar essa posição até por volta de 1 ano de idade. Na segunda, com a criança ao lado, o mesmo ponto de vista em relação ao livro é mantido e, mais de uma criança pode se instalar ao lado do mediador; esta posição convém ser utilizada com os pequenos de 1 a 2 anos. Na última posição, face a face, em vez de ficarem ao lado do professor, os ouvintes ficam em sua frente, podendo ser dois, três ou mesmo uma turma inteira. Nessa postura, as crianças só veem o livro se o mediador o virar para o grupo, no entanto, esta disposição permite a intervenção a partir do olhar e dos gestos.

Da primeira postura à terceira, há variação na dimensão afetiva e na comunicação entre mediador e crianças, pois há afastamento dos corpos com aumento da autonomia, ampliando-se também a capacidade de estabelecer uma relação simbólica e ao mesmo tempo solitária com o livro. Tais mediações oportunizam “atitudes necessárias à educação do leitor” (Bajard, 2014, p. 52).

No entanto, além das posturas, o professor precisará, no ato da mediação, focar-se na transmissão vocal do

texto, no qual o mediador precisa cuidar do volume, da altura, do timbre e do acento da emissão; considerando, ao pensar nas frases, o ritmo, a velocidade, as pausas, a melodia.

Durante a sessão de mediação, no entanto, o mediador também precisa resgatar o texto com os olhos, além de manter contato visual com os ouvintes, pois uma das riquezas da presença do mediador é, justamente, a comunicação pelo olhar. Por isso, antes de ler para os pequenos, o professor precisa ler antecipadamente o texto, ou seja, preparar-se e pensar na sessão de mediação e em seus ouvintes, para que consiga mediar e aproximar os bebês e as crianças dos livros.

### Considerações Finais

A biblioteca é uma instituição viva e que está sempre se transformando assim como a humanidade. A priori, este local era fechado e detinha um conhecimento que só era acessível às elites. Porém, com a mudança dos comportamentos sociais e de classe, esse espaço também foi ganhando abertura e gradativamente instalou-se em locais públicos e escolas.

No processo de expansão das bibliotecas, criou-se as bebetecas para bebês e crianças da educação infantil. A bebeteca, enquanto um espaço de formação do leitor ainda nos primeiros meses de vida, configura-se como um local dinâmico e acessível. Neste sentido, o professor atua como mediador, mas não é o único, pois o próprio espaço, os móveis, as cores e todos os objetos ali expostos também podem auxiliar e mediar as percepções e sensações que são construídas entre o bebê e o livro.

Diante disso, a bebeteca é um terreno fértil para atividades diversas que exerçam impacto sobre o leitor em formação, tais como, contações de histórias, leituras individuais e guiadas pelos educadores, apresentação de histórias, autores e diferentes tipos de livros. É a partir de um espaço como este que o professor consegue apresentar e familiarizar os pequenos com o objeto cultural livro, bem como com as diferentes práticas de leitura.

Além da formação social que se dará a partir da experiência estética e prática que será vivenciada com o livro e com o espaço social de uma biblioteca, os bebês a partir do contato com os livros serão beneficiados em seu desenvolvimento motor e sensorial. Neste sentido, é preciso investir na infraestrutura do espaço, na construção de bebetecas e na aquisição de livros literários

de qualidade estética e lúdica. Neste sentido, os bebês e as crianças pequenas terão oportunidades únicas, como por exemplo iniciarem seu processo de formação como leitores.

### Referencias

- Bajard, E (2014). *Da Escuta de Textos À Leitura*. 2ª ed. São Paulo, Cortez, 2014
- Brasil (1998). Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil. Vol. 3. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- Facci, M. G. D (2004). A periodização do desenvolvimento psicológico individual na perspectiva de Leontiev, Elkonin e Vigotski. // *Caderno Cedes* 24:62 (2004) 64-81
- Leontiev, A. (1978). *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa: Horizonte, 1978.
- Mukhina, V. (1995). *Psicologia da idade pré-escolar*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- Pereira, A. K. (2006). *Biblioteca na escola*. Brasília: Ministério da Educação – Secretaria da Educação Básica, 2006.
- Pombo, O. (1997). *O Museu de Alexandria (organização de uma monografia sobre o museu de Alexandria)*, 4º Caderno de História e Filosofia da Educação, Lisboa: ed. Departamento de Educação da Faculdade de Ciências de Lisboa, (1997) 3-21.
- Silva, J. R. (2012). *A Brincadeira na Educação Infantil (3 a 5 anos): uma experiência de pesquisa e intervenção*. 2012. 171 f. // *Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente*, 2012.
- Silva, J. R. (2009). *Biblioteca escolar: organização e funcionamento*. // Souza, Renata Junqueira (org.). *Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação*. Campinas: Mercado das Letras, (2009) 115-145.
- Solé, I (1998). *Estratégias de leitura*. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- Souza, R. J., Bortolanza, A. M. E (2012). *Leitura e Cidadania*. Campinas: Mercado de Letras, 2012.
- Souza, R. J; Motoyama, J. F .M (2014). *A formação de leitores literários: o espaço como mediador*. *Rafão, Dourados, MS*, v.8: 17 (2012) jul./dez.
- Vygotski, L.S (1996). *Obras escogidas*. Madrid: Visor, v.4, 1996.

Copyright: © 2016 Souza (et al.). This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons CC Attribution-ShareAlike (CC BY-SA), which permits use, distribution, and reproduction in any medium, under the identical terms, and provided the original author and source are credited.

Received: 2016-03-16. Accepted: 2016-04-14